

Parte 1

5. O intérprete de Libras

Camila Gasparin

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GASPARIN, C. O intérprete de Libras. In: *O tradutor-intérprete de Libras escolar, seu conhecimento de Física e a percepção de sua práxis* [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2022, pp. 36-47. ISBN: 978-65-5019-049-1.

<https://doi.org/10.7476/9786550190507.0006>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

5 O INTÉRPRETE DE LIBRAS

Este profissional não é apenas essencial, mas há garantia legal de presença em sala de aula para acompanhamento dos estudantes surdos em todas as instituições formais de ensino, conforme a legislação analisada no capítulo 3.

Assim, é importante entender qual sua formação, seu papel em sala de aula e características de sua atuação, como diferença entre tradução e interpretação de Libras.

O professor de tradução entre Português e Libras é intersemiótico porque se dá entre duas modalidades linguísticas, sendo, obviamente, também interlingual (SANTOS, 2017).

Podemos entender com Jakobson, conforme trazem Santos e Oliveira, considerações sobre a linguística, destacando que:

[...] não há igualdade entre os diferentes sistemas de signos e que o sistema semiótico mais importante, a base de todo o restante, é a linguagem: a linguagem é de fato o próprio fundamento da cultura. Em relação à linguagem, todos os outros sistemas de símbolos são acessórios ou derivados. O instrumento principal da comunicação informativa é a linguagem (JAKOBSON, 1975, p. 11).

Jakobson traz ainda a necessidade do nível cognitivo na tradução da linguagem, uma vez que há recodificação durante a interpretação. Isto traz a ideia de ligação entre linguagem e desenvolvimento cognitivo do sujeito, que apenas através de sua capacidade de recodificação e então tradução dos conceitos aos quais é apresentado em sua vida, ele pode se desenvolver.

Conforme coloca Santos (2017, p. 17), a interpretação interlingual é o “processamento de escrita entre duas línguas distintas”, usando as classificações jakobsonianas para encaixar a Libras nessa classificação. Deste modo, não apenas a interpretação, mas também a tradução entre qualquer língua de sinais e qualquer língua falada, será sempre intersemiótica.

Podemos concluir finalmente que:

tradução e interpretação não designam o mesmo processo e possuem suas diferenças em meio ao traslado linguístico, quer seja entre línguas orais-auditivas

ou entre Línguas de Sinais, ou entre uma Língua de Sinais para com uma língua oral-auditiva e vice-versa (SANTOS, 2017, p. 17).

Quando falamos em tradução para a acessibilidade, temos transformações intersemióticas e intralinguais, diferentemente de quando acontece em um processo em duas línguas orais-escritas, termo e conceito. A diferença fica clara quando observamos legendas em um vídeo para torná-lo acessível ao surdo, quando não haverá apenas a transcrição dos diálogos, mas de toda sonoridade do vídeo em si, da ambientação, trilha sonora, reações dos sujeitos em tela, e todo o necessário para que a compreensão total do vídeo seja possível ao surdo.

Em sala de aula, o profissional intérprete de Libras atua efetivamente na interpretação simultânea ou consecutiva do português, língua-fonte, para a Libras, língua-alvo, sem recursos disponíveis aos tradutores, como tempo, instrumentos e materiais de consulta, por exemplo. Por isso, conforme Santos (2015), pode ocorrer alguma modificação do discurso, que não pode fugir ou se desviar do sentido original da mensagem.

Há um receio de alguns professores que atuam em sala de aula que haja alteração do discurso, uma certa “desconfiança da interpretação”, que dificulta ou decorre da falta de relação e parceria entre o professor e o intérprete, especialmente em escolas nas quais não há uma continuidade do trabalho dos intérpretes e rodízio anual destes por falta de concursos para sua contratação permanente como servidores públicos. Essa situação torna mais difícil o estabelecimento de uma relação de confiança e cooperação entre professores e intérpretes, ainda que a postura dos professores esteja melhorando e se tornando mais aberta após a inclusão obrigatória da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura no Brasil.

5.1 A FORMAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS

A profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) é regulamentada pela Lei nº 12.319/2010 e determina em seu artigo 4º que a formação em nível médio desses profissionais deve se dar por:

- I. cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
- II. cursos de extensão universitária; e
- III. cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação.

[...]

Art. 5º - a União, diretamente ou por intermédio de credenciadas, promoverá, anualmente, exame nacional de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

[...] O exame de proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior (BRASIL, 2010).

Em termos de formação de nível superior, o destaque nacional é a graduação em Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que oferece bacharelado, para formação em interpretação e tradução, licenciatura, para formação de professores de Libras, pós-graduação *latu sensu* presencial e à distância, que pode ser cursada após diversas formações acadêmicas e também forma professores de Libras, e *stricto sensu* oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC.

Conforme podemos ver nas ementas de algumas disciplinas da grade curricular do Bacharelado em Libras da UFSC, não há orientação direta para abordagem de vocabulário voltado às ciências, o que configura uma das dificuldades encontradas pelos intérpretes em sua atuação em sala de aula:

- a) 1ª fase: Libras iniciante – carga horária total: 144h – carga horária do PPC: 36h – 08 créditos: Descrição básica de pessoas e cenários. Narrativas pessoais simples. Introdução aos recursos gramaticais da Libras: uso do corpo e do espaço. Classificadores básicos. Iniciação à soletração manual e aos numerais. Construções negativas e interrogativas básicas. Prática como componente curricular;
- b) 2ª fase: Libras Pré-intermediário – carga horária total: 144h – carga horária do PPC: 36h – 08 créditos: Descrições elaboradas de pessoas e cenários. Narrativas pessoais elaboradas. Uso do corpo e do espaço para estabelecimento de referentes. Diferentes tipos de classificadores. Coarticulação na soletração manual e de números. Expressão de relações causais simples. Construções negativas e interrogativas elaboradas. Prática como componente curricular;

- c) 3ª fase: Libras Intermediário – carga horária total: 144h – carga horária do PPC: 36h – 08 créditos: Descrições complexas de pessoas, cenários e eventos. Recontagem de narrativas com enredos complexos. Diferenças de perspectivas na sinalização e o particionamento do corpo do sinalizante. Expressão de relações causais complexas. Uso avançado de classificadores. Exploração avançada do corpo e do espaço. Desenvolvimento de fluência na soletração manual e de números. Introdução ao uso de bóias no discurso. Prática como componente curricular;
- d) 3ª fase – Estudos de Interpretação I – carga horária total: 72h – 04 créditos: História dos Estudos da Interpretação. Constituição do profissional intérprete de Língua de Sinais. Aspectos legais e a regulamentação da profissão. Interpretação comunitária. Papéis em diferentes espaços de atuação: intérprete generalista e intérprete educacional;
- e) 4ª fase – Libras Avançado – carga horária total: 144h – carga horária do PPC: 36h – 08 créditos: Descrições complexas de contextos concretos e abstratos. Definição conceitual de termos. Argumentação: gerenciamento de razão e emoção. Soletração manual fluente. Narrativas como forma de argumentação. Exploração coesa e coerente do corpo e do espaço em textos argumentativos. Exploração avançada das bóias no discurso. Exploração criativa de classificadores. Estratégias argumentativas. Prática como componente curricular;
- f) 5ª fase – Libras Acadêmica – carga horária total: 72h – carga horária do PPC: 36h – 04 créditos: Normatização de trabalhos acadêmicos em Libras. Estrutura do discurso acadêmico filmado. Tecnologias de vídeo e seu impacto nas pesquisas sobre língua de sinais. Produções acadêmicas em Libras. Prática como componente curricular;
- g) 6ª fase – Laboratório de Interpretação I – carga horária total: 72h – carga horária do PPC: 36h – 04 créditos: Aplicação teórica e prática de interpretação Português – Libras – Português em contextos educacionais. Prática como componente curricular.

Analisando as ementas, ainda após cursarem as seis disciplinas de Libras, não há indicação de que eles tenham contato com os vocábulos que serão necessários durante sua atuação em sala de aula durante a interpretação. Ou seja, não são citados nas ementas os vocábulos das disciplinas escolares ou

acadêmicas nas quais os profissionais irão atuar nos diferentes ambientes de sua prática profissional.

Ainda, em Laboratório de Interpretação I, há aplicação de Libras em contextos educacionais, teoria e prática, porém apenas com carga horária de 72 horas-aula, o que não é suficiente para a variedade de conceitos e, portanto, vocábulos básicos necessários para a formação do profissional, não sendo também citados na ementa quais os sinais e tópicos abordados na disciplina.

Consultando os planos de ensino desta disciplina no site do Departamento de Libras, podem ser encontrados os aplicados na graduação nas modalidades presencial e à distância, bacharelado e licenciatura, conforme podem ser vistos na sequência:

1. Modalidade EaD: LSB9171 – Bacharelado:

a) 2019/1:

- O conteúdo da disciplina será apresentado em 4 unidades:
 1. Interpretação Educacional (LP – Libras);
 2. Interpretação Educacional (Libras – LP);
 3. Interpretação de Conferência (LP – Libras);
 4. Interpretação de Conferência (Libras – LP).

b) 2018/1:

UNIDADE 1: Interpretação em contexto educacional;

UNIDADE 2: Interpretação em contexto educacional;

UNIDADE 3: Interpretação de conferência;

UNIDADE 4: Interpretação de conferência.

2. Modalidade Presencial: LSB7060 – Bacharelado:

a) 2016/2 e 2017/2:

Prática de interpretação ligada à esfera educacional, desde a educação infantil até a pós-graduação, bem como os aspectos relacionados à mobilização de textos e discursos em Libras/português/Libras;

Esfera discursiva – a escola e suas finalidades;

Aula como um dos gêneros pelos quais se materializa o discurso didático;

Funções da língua na aprendizagem: dar suporte, informar, controlar, integrar socialmente;

Linguagem na sala de aula: a) movimentos iniciadores: de estruturação e de solicitação – em geral efetuados pelos professores, e b) movimentos reflexivos: de resposta e de reação – efetuados pelo aluno;

A marcação prosódica do discurso em sala de aula;

Relações interinstitucionais (Relação Professor-Intérprete-Aluno Surdo);

Aplicação da interpretação simultânea e consecutiva em sala de aula (contexto educacional);

Aspectos linguísticos, tradutórios e pedagógicos da interpretação; Teoria e conceituação na elaboração de glossários. Pesquisa e terminologia de tópicos de contextos educacionais relevantes para a prática do intérprete educacional.

Observando os planos de ensino, fica claro que não podemos inferir quais os sinais trabalhados e quão instrumentalizado o intérprete estará após elas, com sinais necessários para atuar em contextos escolares e acadêmicos.

É importante ressaltar que o currículo dos cursos está de acordo com a legislação federal e a Política de Educação de Surdos de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2004), de acordo com a qual é exigido para a atuação Professor Intérprete, mesmo havendo diferença entre professor de Libras e intérprete de Libras, para o perfil dos profissionais.

Professor intérprete

- * Capacitação específica para Intérprete de Língua de Sinais.
- * Declaração provida pela FENEIS reconhecendo a função de intérprete.
- * Nível superior completo ou em formação, preferencialmente, na área da educação.
- * Fluência em Língua de Sinais.
- * Fluência em Língua Portuguesa.
- * Manter contato com surdos nas associações, escolas, etc, para ampliar conhecimento da LIBRAS e da cultura / identidade surda (SANTA CATARINA, 2004, p. 39).

Conforme citamos, existem diversos profissionais que atuam em diferentes níveis de ensino no estado, entre professor ouvinte bilíngue, professor intérprete, instrutor de Libras, monitor de Libras e professor de Libras bilíngue. Ou seja, o intérprete de Libras, atuando como professor intérprete com os estudantes em sala de aula, além de dever realizar uma interpretação fiel ao discurso do professor, teria responsabilidades maiores do que esta, o que não procede, uma vez que a aprendizagem do estudante é responsabilidade do professor da disciplina. Para resolver esta inadequação do termo, professor-intérprete tem sido trocado pelo termo intérprete educacional, mais adequado para o contexto, clareza e adequação às suas funções.

5.2 A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE DE LIBRAS

O artigo 6º da Lei nº 12.319/2010, sobre o tradutor e intérprete de Libras, traz as atribuições no exercício de suas competências como:

- I. efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdos-cegos, surdos-cegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;
- II. interpretar, em Língua Brasileira de Sinais - Língua Portuguesa, as atividades didático-pedagógicas e culturais desenvolvidas nas instituições de ensino nos níveis fundamental, médio e superior, de forma a viabilizar o acesso aos conteúdos curriculares;
- III. atuar nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino e nos concursos públicos;
- IV. atuar no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim das instituições de ensino e repartições públicas;
- V. prestar seus serviços em depoimentos em juízo, em órgãos administrativos ou policiais (BRASIL, 2010).

E deve fazê-lo conforme determinado pelo Art. 7º,

O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

- I. pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;
- II. pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;
- III. pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;
- IV. pelas postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;
- V. pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;
- VI. pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda (BRASIL, 2010).

A importância da atuação do intérprete vai além da acessibilidade da comunicação entre surdos e ouvintes, possibilitando também a comunicação entre surdos, que nem sempre são fluentes ou usuários em Libras, podendo ser oralizados ou estrangeiros, por exemplo.

Para exercerem suas atividades com excelência, os intérpretes também devem colaborar com o professor regente de cada disciplina para articularem as estratégias de aprendizagem mais adequadas ao aluno surdo e colaborar na elaboração de PPCs e de estudos e pesquisas relacionadas a sua práxis. Estas diretrizes estão postas no documento orientador catarinense para a prática profissional dos intérpretes educacionais de Libras de 2013, elaborado em parceria com a FCEE, e de Quadros, elaborado em 2004 para o MEC. Os documentos também colocam como atribuição do profissional “estudar o conteúdo a ser trabalhado pelo professor regente, para facilitar a tradução da Libras no momento das aulas e atividades escolares” (MACHADO, 2013; SANTA CATARINA, 2013, p. 19 e 20; QUADROS, 2004, p. 59-62). Estas premissas auxiliam a fidedignidade da atuação do intérprete, que ele conheça os sinais necessários na interpretação e tenha clareza nos tópicos que serão abordados em sala de aula, permitindo que conheçam os conceitos a serem interpretados e possam fazê-lo com exatidão.

Os documentos supracitados também fazem uma importante ressalva. Os intérpretes não são professores dos estudantes, sendo papel dos professores regentes de cada disciplina se preocupar com sua aprendizagem, ainda que a troca de

informação entre os dois profissionais seja importante para o acompanhamento e compreensão do estudante sobre os conteúdos trabalhados. Para isso, o professor deve estar disponível para esclarecer dúvidas, trabalhar colaborativamente e passar ao intérprete seu planejamento antecipadamente de modo que este possa de planejar e preparar.

Quadros (2004) destaca observações realizadas em sua experiência como intérprete em sala de aula em julho de 2001, nas quais ficam claros os efeitos do desconhecimento da disciplina interpretada e os equívocos aos quais isto pode levar, inclusive e especialmente, na escolha dos sinais por desconhecimento dos mais adequados e necessários para a manutenção do sentido do discurso do professor.

Entre as páginas 66 e 68, ela transcreve o discurso do professor e a interpretação realizada pela intérprete educacional, conforme podemos ver a seguir:

1. Português:

- a) ... baixa temperatura, altas quantidades de celíaca, altas quantidades de gases nestas celíacas... Vão ser chamadas de magnas deoníticos ou graníticos;
- b) Por quê? Porque são magnas em que eu vou ter muito mais quartzo aqui, coisa que aqui eu não vou ter;
- c) À medida que vai diminuindo, começa a aumentar a quantidade dos outros. Olha aqui ó... Principalmente porque há ferros magnesianos;
- d) O que são ferros magnesianos?;
- e) Temos os minerais. Eu vou falar dos minerais magnos e feltono (?);
- f) Isso aqui ó... se separarem, os minerais magnos são os minerais escuros e os minerais feltono (?) são os claros;
- g) Por quê? Porque magno de magnésio;
- h) Magnésio é de ferro. Por isso vocês têm um basalto e o basalto é escuro, porque ele é mais rico em ferro magnesiano;
- i) Minerais em ferro de magnésio. Ele não tem quartzo.

2. Língua Brasileira de Sinais – Interpretação realizada pela intérprete:

- a) \ ... TEMPERATURA DIMINUIR BAIXO FRIO MUITO C-I-L-I-C-A MUITO COLOCAR G-S MISTURAR JUNTO SURGIR M-A-G-M-A-S TAMBÉM PEDRA G-R-A-N-I-T-I-N-O <HN> POR CAUSA M-A-G-M-A-S TER MAIS MAIS;

- b) SURGIR Q-U-A-R-T-Z-0;
- c) C-I-L-I-C-A DIMINUIR DIMINUIR COMEÇAR OUTRO AUMENTAR AUMENTAR C-I-L-I-C-A DIMINUIR;
- d) FERRO M-A-G-N-E-S-I-A-N-0 AUMENTAR JUNTO MAIS MAIS MAIS N-I-Q-U-E-L DIMINUIR;
- e) MINERAL (?);
- f) F-E-L-T-N-0 SEPARAR CONSEGUIR SEPARAR N-I-QU-E-L PRETO M-A-G-N-E-S-I-0 – DESCULPA;
- g) EXPLICAR ANTES NÃO, AGORA EXPLICAR;
- h) MAIS FERRO MAIS JUNTO AJUNTAR FERRO MA-G-N-E-S-I-0 JUNTO SURGIR;
- i) PEDRA B-A-S-A-L-T-0 (?) CERTO.

Observamos que há muitos pontos de retextualização do discurso do professor, com grande perda e distorção de informação e sem observação adequada da estrutura da Libras, com escolhas de sinais inadequadas.

Sobre isso, Santos argumenta:

a interpretação em Libras como um processo de retextualização, apresenta uma transformação textual profunda que requer um processamento cognitivo e compreensões do discurso que está sendo realizado (SANTOS, 2017, p. 23).

Santos e Quadros coadunam neste ponto, pois é necessário compreender o conteúdo trabalhado pelo professor, e sem isso a interpretação realizada pelo intérprete de Libras educacional é equivocada em vários pontos conforme visto. Para ela, também é desafiadora a atuação profissional do intérprete em muitas disciplinas escolares e áreas do conhecimento pela especificidade e diversidade linguística e de vocabulário, sugerindo que a formação profissional do intérprete considere sua atuação do mercado de trabalho, portanto, incluindo essa riqueza lexical, tornando-a mais presente. Para além desta competência linguística, o profissional precisa de conhecimento conceitual para compreender a linguagem específica da área científica, conhecendo o tema ao qual atuará.

Botan (2012) também observou este fenômeno em sua pesquisa de mestrado, onde trabalhou com três estudantes surdos e dois intérpretes em duas escolas diferentes, tendo ocorrido o descrito:

Quando a intérprete explicou o conteúdo do quadro para Pedro, observamos que ela utilizou o sinal de peso para descrever o conceito de massa, que são grandezas físicas de naturezas diferentes. Observamos também o uso frequente da datilologia da palavra inércia nas explicações, indicando o desconhecimento do sinal ou a inexistência deste na Libras.

[...] a intérprete não discutiu o que representava cada letra na fórmula $F=m.a$, apenas fez a datilologia da fórmula. Notamos, também, que as frases não faziam qualquer menção ao fenômeno envolvido ou ao problema que a professora resolveu com os alunos.

[...] Pedro nos pediu ajuda, após insistência da intérprete, para resolver um exercício de Física. O problema indagava sobre o peso de um astronauta na Lua que, na Terra, possuía certo peso. Inicialmente questionamos Pedro sobre qual era a pergunta do problema. Pedro leu novamente a questão e não respondeu. Em seguida perguntamos o que era peso e massa. Pedro também não respondeu. Percebemos então que Pedro parece não compreender o que representa o peso e a massa no problema, então explicamos que peso se tratava uma força que atrai o astronauta para o centro do corpo (na situação a Lua e a Terra) e que a massa do astronauta era a mesma, tanto na Lua quanto na Terra. Pedimos, então, que tentasse novamente ler e resolver o problema.

Pedro relê, mas pareceu-nos não saber como resolver.

[...] Foi nesta aula de Física que comentamos com a intérprete que existia diferença entre peso e massa, pois ela utilizou numa aula anterior o sinal de peso para descrever tanto a massa quanto o peso. Discutimos com ela que peso correspondia a uma força, como ela havia explicado para Pedro, mas que massa não possuía a natureza vetorial da força, e que representa na Mecânica a razão entre a quantidade de movimento e a velocidade, que estava relacionada, então, com a tendência de um corpo em conservar seu estado de movimento. A intérprete comentou que não conhecia um sinal diferente para descrever “massa”, e que para ela, massa e peso representavam a mesma coisa (BOTAN, 2012, p. 55-61).

Podemos observar as dificuldades do aluno Pedro na disciplina de Física e a multiplicidade de motivos para tal. O autor comenta a dificuldade do estudante com a matemática e, assim, com as Ciências Exatas em geral. Além disso, a compreensão falha dos conceitos de massa, peso e força da intérprete que atua com o estudante, com uso de datilologia, a falta de discussão das variáveis presentes nas expressões matemáticas e o desconhecimento por parte da profissional ou mesmo inexistência dos sinais necessários para abordagem do tópico, aprofundam a dificuldade de compreensão dos conceitos físicos. Neste caso específico, também houve falta de percepção e atuação do professor de Física diante da situação e

de sua responsabilidade como professor regente da disciplina e responsável pela aprendizagem do aluno.

O foco deste texto é este: a compreensão e o conhecimento dos intérpretes dos conceitos físicos de forma que suas escolhas de sinais sejam adequadas e permitam a construção dos conceitos científicos pelos alunos surdos.